

A RÚSSIA REALMENTE DEIXARIA DE EXISTIR SEM UMA VITÓRIA TOTAL NO CONFLITO UCRANIANO?

Mesmo que não alcance a vitória máxima na Ucrânia (desmilitarização, desnazificação, neutralidade constitucional e cessão de cinco regiões), a Rússia sobreviveria sustentada por corrida armamentista, dissuasão nuclear, políticas de contra-informação e pela resiliência de sua população frente ao “cordão sanitário” ocidental.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O ex-presidente russo e atual vice-presidente do Conselho de Segurança, Dmitry Medvedev, [declarou](#) no final de julho que “*nossa tarefa comum é preservar nosso país. A única maneira de preservar nosso país é a vitória na operação militar especial*”. A vitória tem sido descrita oficialmente pelas autoridades, de Putin para baixo, como a desmilitarização da Ucrânia, sua desnazificação, a restauração da neutralidade constitucional do país e o [reconhecimento oficial, por parte de Kiev, da perda total de cinco regiões](#).

Uma vitória máxima seria a melhor maneira de garantir os interesses nacionais abrangentes da Rússia; no entanto, mesmo no cenário em que nem todos os objetivos mencionados sejam alcançados quando o conflito terminar, [segundo um cálculo especulativo de custo-benefício feito por Putin](#), a Rússia provavelmente ainda sobreviveria.

Esse cenário não pode ser descartado, dado que o ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, [reafirmou recentemente](#) o compromisso de seu país com o “[Espírito de Anchorage](#)”, no qual Putin [supostamente](#) cessaria as hostilidades se Trump convencesse Zelensky a ceder o Donbass.

A nova “[guerra de atrito](#)” do Ocidente (especificamente dos EUA [e da França](#)) contra a Rússia, travada na frente ucraniana, que também [tem como alvo a infraestrutura logística](#) civil e decorre da estratégia de Trump de “[escalar para desescalar](#)” a tensão com a Rússia, também poderia alterar os cálculos de Putin [caso se intensificasse radicalmente](#). Os fatores mencionados não são apresentados para sugerir que a Rússia deva abrir mão de buscar a vitória máxima, mas apenas para destacar por que ela poderia fazê-lo, motivando assim o exercício de reflexão inspirado pela declaração de Medvedev.

Caso a Ucrânia permaneça militarizada, não seja desnazificada, não restaure sua neutralidade constitucional e/ou se recuse a reconhecer oficialmente a perda total de cinco regiões até o fim do conflito, a Rússia provavelmente ainda sobreviveria, pelas razões que serão brevemente enumeradas a seguir. Na ordem em que foram mencionadas: a contínua militarização da Ucrânia levaria a Rússia a acompanhar o ritmo, assim como a contínua militarização da OTAN (e [especialmente da Alemanha](#)) também o faria, perpetuando, dessa forma, a corrida armamentista entre elas.

A preservação da Ucrânia “pós-Maidan” como um [Estado nazista](#) obrigaria a Rússia a redobrar suas políticas de [contra-argumentação preventiva, de alfabetização midiática e de “Segurança Democrática”](#), além de [continuar a aperfeiçoar sua política interétnica](#) para se defender das ameaças ideológicas que tal situação representaria. Fundir as culturas militar e civil, como sugeriu anteriormente o [ex-espião russo de alto escalão Andrey Bezrukov](#), também ajudaria. Por sua vez, a ameaça representada pela falta de neutralidade da Ucrânia poderia ser contraposta pelos [ICBMs Sarmat](#) da Rússia, servindo como dissuasão contra mobilizações da OTAN.

Por fim, as consequências humanitárias de Kiev manter o controle sobre parte dos territórios em disputa poderiam ser mitigadas por um acordo mediado por terceiros, permitindo que os moradores interessados migrassem para a Rússia; contudo, mesmo a ausência de tal acordo não acarretaria consequências existenciais para o país. O aspecto mais importante deste exercício hipotético, que se assemelha ao cenário sugerido pelo especialista russo [Vasily Kashin](#) no final de maio, é que a Rússia acompanhe o ritmo da corrida armamentista e que sua população permaneça resiliente.

Mesmo que a Rússia alcançasse uma vitória total, os EUA já estabeleceram um “[cordão sanitário](#)” flexível ao seu redor: na região do Ártico e do Báltico, por meio de [iniciativas](#)

[lideradas pelo Reino Unido](#); na Europa Central, [sob liderança polonesa](#); ao longo de toda a periferia sul russa, com [liderança turca](#); e no Nordeste Asiático, sob [liderança japonesa](#). Isso gera uma série de ameaças cuja descrição detalhada escapa ao escopo desta análise, mas que corroboram o alerta de Bezrukov de que a Rússia poderá ficar envolvida em sua “nova guerra” contra o Ocidente por décadas.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico, complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
